

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

**AÇÕES DE ASSESSORIA PARA ROMPER O ASSISTENCIALISMO EM
EMPREENHIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, CARACTERIZADOS
PELA AUTOGESTÃO¹**
**ADVISORY ACTIONS TO BREAK OUT ASSISTANCE IN EMPLOYEES OF
SOLIDARITY ECONOMY, CHARACTERIZED BY SELF-MANAGEMENT**

Laura Lúcia Tapia², Carlos Guilherme Probst³

¹ Trabalho de pesquisa do Projeto Ações de Economia Solidária na região noroeste do RS, apoiado pela Unijuí e pela chamada CNPq/MTb-SENAES Nº 27/2017, Processo 441902/2017-0, Projeto de Extensão Tecnológica, coordenado pelo professor Dr. Enio Waldir da Silva.

² Aluna do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, bolsista CNPq/UNIJUI, laura_lidia_tapia@hotmail.com.

³ Professor Mestre do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais, Orientador, carlos.probst@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

É fundamental compreender o que é Economia Solidária - ES e como ela se manifestou, assim como, distinguir a autogestão da assessoria realizada no âmbito da ES para entender a proximidade entre o assessoramento e o assistencialismo. Em razão da estruturação da economia solidária ser em um sistema que partilha democraticamente a gestão e seus resultados, compreende-se que sua essência está firmada na sustentabilidade e solidariedade que busca evitar desigualdade entre o econômico, o social e o político. Sendo assim, grande parte dos sujeitos ativos da economia solidária encontram-se em posição desigual resultante do desemprego, desassalariamento e precarização das relações de trabalho que impulsionam a miséria resultante das políticas adotadas pelo sistema competitivo.

Os empreendimentos de economia solidária são o conjunto de atividades econômicas com traços predominantemente solidários fora do assalariamento formal, somados as ações que agrupam pessoas onde o sentido da coletividade precisa ser evidenciado. Sendo a economia popular solidária um modo diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, enfim, um modo alternativo ao capitalismo.

A autogestão é a capacidade própria que os sujeitos ativos da economia solidária utilizam para gerir seus empreendimentos de maneira igualitária, sendo assim, ninguém recebe ou dá as ordens, todos se propõem pelo bem comum antes do individual. Da mesma forma a empresa solidária é administrada democraticamente, sendo o oposto da heterogestão que tem como principal característica a administração hierárquica.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Ações de assessoria são mecanismos de auxílio aos empreendimentos que tem como característica a autogestão através de incubação, capacitação, assistência técnica e organizativa e acompanhamento nas atividades que são desenvolvidas em um determinado período. Diante disso, as incubadoras devem assessorar seus incubados para que estes busquem sua emancipação, para que se exclua a possibilidade das ações de assessoria se tornarem ações de cunho assistencialista.

METODOLOGIA

Utilizou-se como principal método para a elaboração deste trabalho a pesquisa bibliográfica, documental e observações, visando aprofundar os conhecimentos sobre a economia solidária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O movimento conhecido atualmente como Economia Solidária surgiu na Inglaterra em 1844 com a iniciativa de operários/tecelões que perderam seu emprego em virtude de uma greve e como resposta a crise, uniram forças fundando a primeira cooperativa de consumo, chamada de cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochedale que estabeleceu uma carta de princípios que até hoje inspira o cooperativismo e sua legislação em âmbito mundial.

As cooperativas e demais empreendimentos da ES organizam-se voluntariamente a partir de fatores humanos, favorecendo as relações nas quais o laço social é valorizado por meio da solidariedade, termo que Hagner define como reciprocidade (2010, p. 47). Adota-se formas comunitárias de propriedade e de maneira aberta, os membros participam ativamente na formulação das políticas e na tomada de decisões. Promove-se a educação e a formação dos seus membros para que qualquer pessoa apta possa utilizar seus serviços e assumir responsabilidades, sendo assim, os trabalhadores são os proprietários que administram autonomamente e democraticamente o empreendimento.

Paul Singer entende que, para uma “sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir.” (Singer, 2002, p. 9). Desta forma a economia solidária é uma alternativa possível ao capitalismo, que concentra o capital acumulado e que funciona a partir de relações competitivas cujo objetivo é o alcance de interesses individuais.

Um empreendimento em que a produção e comercialização diferem da lógica e funcionamento do capitalismo, conseqüentemente o modelo de gestão e organização necessita ser oposto à hierarquia imposta pelo padrão capitalista. Singer diferencia a autogestão que é administração democrática de empreendimentos solidários da heterogestão.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Talvez a maior principal diferença entre economia capitalista e solidária seja o modo como às empresas são administradas. A primeira aplica a heterogestão, ou seja, a administração hierárquica, formada por níveis sucessivos de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima e as ordens e instruções de cima para baixo (2002, p. 16).

Outra diferença importante na administração de um empreendimento solidário é fato de que todos ficam a par dos acontecimentos da cooperativa ou da associação, quando ela for pequena as decisões são tomadas em conjunto nas assembleias e quando grande em assembleias-gerais. Existe a possibilidade que em empresas solidárias de grandes dimensões, seja necessário hierarquias de coordenadores, encarregadas ou gestores, cujo funcionamento é o oposto do sistema adotado em empresas capitalistas, Singer expõem a importância deste sistema de hierarquia para que as informações fluam, pois:

As ordens e instruções devem fluir de baixo para cima e as demandas e informações de cima para baixo. Os níveis mais altos, na autogestão, são delegados pelos mais baixos e são responsáveis perante os mesmos. A autoridade maior e a assembleia de todos os sócios, que deve adotar as diretrizes a serem cumpridas pelos níveis intermediários e altos da administração.

A assessoria efetiva-se com o suporte de qualidade ao público alvo do processo de incubação, que em sua maioria, é composto por trabalhadores que não possuem experiência no gerenciamento de empreendimentos. Suporte realizado através de recursos didáticos e instrumentos que contribuem no planejamento dos incubados na adoção de técnicas eficientes de gestão a partir das capacitações e da assistência técnica, financeira e social, dessa forma a efetivação da assessoria resulta na autogestão de qualidade, na geração de trabalho e renda, como alternativa de inserção produtiva e cidadã na sociedade. A complexibilidade do trabalho de assessoria realizado pelas incubadoras de economia solidária vai além de trabalhar apenas com conceitos e técnicas com seus incubados, e sim uma tarefa de contribuir para a formação de uma sociedade menos injusta.

Trabalhar conceitos de autogestão, cooperativismo e solidariedade entre grupos historicamente desfavorecidos, e abrigados sob o leque de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

programas assistenciais, tem se constituído um grande desafio. Também por isso constata-se a necessidade de trabalhar sob perspectivas em comum, para além das especificidades, de forma a não reproduzirmos apenas o que já existe, mas estimular/apostar na formação de grupos que sejam capazes de se manter em ação sem se valerem apenas dessas políticas. (2010, p. 314).

O vínculo que se estabelece entre os assessores e seus incubados revela que além de portar valor econômico, as práticas de economia solidária também portam “um valor social que se exprime em termos de laços sociais, de democracia econômica e de luta contra desigualdades e a exclusão, promovendo desenvolvimento humano e material sustentáveis. (2010, p. 178). Diante o exposto, é necessário compreender que por mais forte que seja o vínculo construído durante a incubação, a assessoria não deve fazer o trabalho designado aos incubados, e sim auxiliar nesse trabalho, a efetivação da autogestão por parte dos sujeitos ativos da economia solidária inibe o assistencialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assessoria de um empreendimento de economia solidária, dentre várias atribuições, tem como função auxiliar a emancipação dos autores da ES, para que estes possam caminhar por conta própria com o mínimo de intervenção possível para que a autogestão se efetive. A assessoria não deve realizar a gestão de seus incubados, caso isso ocorra à assessoria deixa de ter caráter auxiliador para ter cunho assistencial.

A efetivação da autogestão através da administração democrática de uma empresa solidária pelos seus participantes, mesmo que demande um esforço adicional dos trabalhadores rompe as barreiras do assistencialismo, desacomoda e produz um processo solidário gerador de trabalho e renda, como alternativa de inserção produtiva e cidadã na sociedade, efetividade que é realizada com ações de assessoria. Tornando-se a economia solidária uma alternativa ao capitalismo quando ela puder oferecer a parcelas crescentes de toda a população oportunidades concretas de autossustento, usufruindo o mesmo bem-estar médio que o emprego assalariado proporciona.

Palavras-chaves: Economia Solidária; Autogestão; Assessoria; Assistencialismo.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Keywords: solidarity economy; Self management; Advisory; Assistance.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Eronita Silva. RASIA, Pedro Carlos. SILVA, Enio Waldir da. **ECONOMIA SOLIDÁRIA, Sistematizando Experiências**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

GUIMARÃES, Gonçalo. SALOMÃO, Inessa. **Planejamento e gestão de incubadoras de tecnologias sociais para o desenvolvimento: características e instrumentos**. Brasília: ANPROTEC : SEBRAE, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Vinte anos de economia popular solidária: trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs à EPS / Ademar de Andrade Bertucci, Roberto Marinho Alves da Silva (org). Brasília: Cáritas Brasileira, 2003